

DESEJO: BELEZA FUNDAMENTAL

Rosangela Nascimento Vernizi

Resumo

Neste artigo analisa-se desejo e amor em psicanálise, tomando como texto base o poema "Receita de Mulher" de Vinícius de Moraes. O objetivo é mostrar o quanto a beleza do corpo feminino em suas múltiplas nuances, não se relaciona com uma estética preestabelecida, mas sim como causa de desejo balizadora da dialética amorosa entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Mulher, Corpo, Amor, Desejo, Vinicius de Moraes.

Abstract

This article analyzes desire and love in psychoanalysis, taking as a basis the Vinicius de Moraes' poem text "Recipe of Woman". The aim is to show how the beauty of the female body in its many nuances, is not related to a preestablished esthetic, but as cause of desire define loving dialectic between men and women.

Key words: Woman, Body, Love, Desire, Vinicius de Moraes.

DESEJO: BELEZA FUNDAMENTAL

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental
Vinicius de Moraes

No ano¹ em que Vinicius de Moraes completaria 100 anos de idade, centenas de artigos e homenagens pipocaram por todos os cantos. Bem à época em que eu estava às voltas com diversas leituras, trabalhando em um texto sobre amor e desejo, recebo de um amigo a indicação de um artigo intitulado “A mulher e a imposição da beleza”, publicado numa revista eletrônica² que trata questões de gênero e sexualidade.

Sem tirar o mérito de escrita e retórica da colunista, o início do artigo já me causou certo mal-estar:

Ao contrário do que diz Vinicius, a beleza não é fundamental. E não nos define. (...) essa frase familiar, aparentemente inofensiva e tão de acordo com a cultura dominante não nos gera questionamento algum. No entanto, ela traduz um pensamento tão onipresente quanto nefasto: espera-se que a mulher tenha beleza, e que essa seja sua característica fundamental. Se é muito feia, como disse Vinicius, não preenche o requisito necessário para ser fêmea. (LOBO, 2013)

¹ Vinicius de Moraes nasceu no Rio de Janeiro em 19 de outubro de 1913.

² Revista Geni – <http://revistageni.org/08/a-mulher-e-a-imposicao-da-beleza/> – agosto de 2013.

O restante do texto já ficou bem previsível a partir daí: um grito de guerra, feroz, contra a imposição da beleza pregada pela mídia, clínicas estéticas, e sim, desejada pelos homens, a “cultura dominante”.

Concordo que aquela beleza alardeada em pacotes promocionais de clínicas estéticas, realmente não nos define, não define uma mulher. Será possível que um poeta, tão apaixonado por mulheres – só de casamentos foram nove! – seria assim tão raso, pedindo perdão às feias?

Fui reler "Receita de Mulher" de Vinícius de Moraes, poema em que a primeira frase é esta sobre a beleza fundamental, e encontrei muito mais que um pedido de perdão às feias.

Suponho que a colunista tenha lido o poema todo, mas acredito que ela assimilou de forma invertida o caminho desse “fundamental”, pois o olhar do poeta, e dos homens, da sociedade dominante como ela afirma, de fato miram o corpo, o corpo feminino nesse não-todo estético, é desse fundamental de que fala o poeta. Mas, ele não para aí, o estético apenas serve de mote para que ele diga que “é preciso que tudo isso seja sem ser”. Então pensei alto diante do artigo: a beleza é fundamental sim, e “é preciso”, como ele repete muitas vezes no poema.

De nossas próprias vidas, de toda história de vida, das relações que nos acontecem, daquilo que escutamos em nosso dia a dia clínico, o que será senão dessa beleza que se fala, se vive, se goza?

Tentei ler a frase “As muito feias que me perdoem, mas beleza é fundamental” sob o prisma que o artigo me conduzia, mas atravessada pela psicanálise, não pude deixar de notar que se a frase incomoda é na medida em que se aceita ou se recusa ocupar a posição de objeto causa de desejo na fantasia de um homem, pois é aí que reside a diferença entre a feminilidade e a histeria como destino de uma mulher (SOLER, 2005, p. 51-57). Cabe à mulher desejar este desejo, desejar este olhar, é isto que poética e *desejosamente* pede Vinicius.

Não posso deixar de falar da fantasia e no batido clichê de Lacan de que não há relação sexual (LACAN, 1985, p. 22) . A vilã que sustenta este clichê é a fantasia, que se coloca entre os sexos dizendo não à nostálgica ilusão de completude, e ao mesmo tempo é ela, a fantasia que favorece os encontros. Embora seja um reencontro, “é preciso, é absolutamente preciso que isso tudo seja belo e inesperado” e, além disso, que o corpo feminino corporize algo da fantasia: “uma nuvem com olhos e nádegas”, o indizível da presença que se revela numa ausência misteriosa, no jogo daquilo que se ausenta, revela, esconde e desvela.

Seres falantes e tão *linguageiros* que somos, investimos em tentativas muitas vezes tão frustradas quanto ridículas de colocar em palavras aquilo que desejamos, numa via de mão dupla que acidentes com vítimas fatais quase sempre acontecem. Atropelamentos, pegar a via na contramão, nada disso nos é estranho nessa estrada dos percalços amorosos. Que diremos então dos homens, que de suas posições de necessária objetividade, se veem obrigados – obrigados e assustados – a nos enlaçar em palavras, e não qualquer palavra, mas "a" palavra. Dá-lhe atropelamentos, choques na contramão, e quando pior, nomes trocados. Se se pede para um homem falar a partir de seu desejo, é muito provável

que ele fale mesmo. Porém, há poetas, e o poetinha, talentoso artífice de seu ofício apela para a beleza das saboneteiras, cintura, barriga, seios. E por que fascinar-se com as diferentes belezas do corpo feminino soa tão pejorativo a ponto de algumas mulheres sentirem-se não sujeitos?

Infelizmente para nós mulheres, nem todos são poetas e é impossível ao olhar masculino dissociar aquilo que se supõe que lá há, sem amalgamar seu desejo ao corpo feminino. Diz a colunista “É muito mais importante sermos mulheres interessantes do que sermos bonitas.” Uma mulher interessante é a que interessa, que desabrocha no olhar, bonita deveras, não há dissociação.

Nada mais brasileiro que revele esse impetuoso desabrochar ao olhar masculino do que a conhecida frase “Oh, lá em casa!”. Há uma utopia flagrante, flagrante e necessária. Não, eles não querem de fato levar aquela que passa para casa, em casa está a patroa! Aquela que, num átimo, praticamente uma miragem, põe de modo divertido o desejo em ação, é a que neste instante representa o objeto causa de desejo, pela diferença sustentada por insígnias do feminino.

É a que escapa, a “infinita volubilidade” como nos diz Vinicius, afinal não é a patroa que vem e que passa num doce balanço a caminho de qualquer lugar. Imaginariamente, nesta proposta utópica de oferecer “casa” – casa com suas múltiplas acepções – o então corajoso galanteador, elege-se fálico perante os olhares e risos dos colegas. Mais um daqueles momentos em que os homens fazem um. E a mulher se vai, ou brava, ou achando graça, ou ofendida, ou quem sabe até se sentindo bonita, mas não mais como estava antes de passar por ali exibindo sua beleza fundamental.

Conversei com um engenheiro sobre essa fama dos trabalhadores da construção civil, e ele me disse: “ah, se eles olham e veem uma mulher...”, insisto “então tanto faz como é a mulher?”. E a resposta foi bem masculina: “nãããooo... eles veem uma mulher e um deles acaba falando”. O “não comprido” me diz: claro que faz diferença, faz diferença o feminino que desabroche aos olhos deles, como diz Vinicius. Não é a aparência. Feia ou bonita é tão subjetivo quanto as nuances de uma miragem, esses olhares buscam uma mulher, uma a uma que vem e que passa. E o engenheiro completa: “isso não é ruim não, deixa o dia a dia deles mais alegre, eles trabalham melhor.”

Se há excessos em manter-se jovem e bela por parte das mulheres, se algumas, ou muitas, cedem aos apelos midiáticos da beleza comprada, tudo isso não deve ser tomado como: vamos então dar cabo disso, não tem que ser bonita, não tem que se enfeitar, não podemos ser desejadas por nossos corpos, atributos. Nada de cabelos ao vento, bocas vermelhas, e então que a mulher:

(...) se socialize
elegantemente em azul,
como na República Popular Chinesa).
não há meio-termo possível. É preciso
que tudo isso seja belo.

Não, não há meio-termo possível diz o poeta, pois isso deflagraria no apagamento da diferença, uma padronização que afetaria o sujeito desejante, e isso não é bonito. Ou se está no lugar da diferença, ou então será... feia.

Nessa dialética em que o homem busca com o olhar a beleza feminina, também há o amor da mulher pelo olhar desejante do homem, pela poesia que pode nascer do desejo, amam essa beleza, enquanto os homens amam a beleza fundamental do desejo que elas lhe causam. Ambos amam a possibilidade de recuperarem algum resto de gozo na fantasia que se entrelaça no possível encontro amoroso-desejante: um encontro de fantasias por vias diferentes, uma troca de valores de gozo (ZALCBURG, 2007, p. 106). Se essa é a busca de homens e mulheres, é preciso como diz o poema que a mulher:

não perca nunca, não importa em que mundo
não importa em que circunstâncias, a sua infinita volubilidade
de pássaro; e que acariciada no fundo de si mesma
transforme-se em fera sem perder sua graça de ave; e que exale sempre
o impossível perfume; e destile sempre
o embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto
da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna dançarina
do efêmero; e em sua incalculável imperfeição
Constitua a coisa mais bela e mais perfeita de toda a criação inumerável.

Levantar a bandeira de que nosso corpo não diz de nós, abrindo mão deste lugar de beleza cantada, poetizada, celebrada, seria abrir mão do desejo masculino e, por conseguinte, dispensá-los assustados. Pretensão e engodo feminino dos dias atuais, pois é de um homem que se serve uma mulher para dar conta do lado não-todo fálico que a caracteriza.

Simone de Beauvoir afirma que a mulher é “a carne com suas delícias e seus perigos”. (BEAUVOIR, 2000, p. 183). Há de se acreditar que somos carne, delícias e por vezes perigos. Há que isso aconteça e há que isso seja dito, o que é muito diferente de tentar se enquadrar em padrões.

Se os poetas sabem falar ao coração das mulheres, por que o tão conhecido pedido de perdão de Vinicius soa ofensivo? Talvez seja por conta das insistentes e atormentadoras questões femininas que vêm à tona logo em seguida: o que têm as belas? O que é ser uma mulher bonita, desejada? Ou também pela eterna necessidade feminina em alicerçar o desejo masculino: você me ama? O que há em mim que te faz desejar-me? Um simples meneio distraído de cabeça, um silêncio ou uma frase feita gera uma aflita conclusão feminina: eu sei, sou feia! Emudece homens, enclausura mulheres que numa tentativa de se colocarem numa posição toda, deixam de vivenciar, por diversas impossibilidades subjetivas, a dialética do desejo. E o poeta vem e diz, provocativo, já na primeira frase “as muito feias que me perdoem”, assim também Vinicius!

Beleza fundamental é a que fundamenta: está na causa do desejo, e no desejo que causa; é aquela que impõe ao sujeito desejar, que abre espaço para uma falta a ser preenchida, não há opção de escolha. Que nos perdoem as feias.

Lembrei-me de uma música bem conhecida, de Chico Buarque, “A Banda”, e que num trecho ele diz: "A moça feia debruçou na janela pensando que a banda tocava pra ela".

Não me recordo de nenhuma voz retumbante ter se irritado com essa frase de Chico, mas há ironia quanto à estética da moça que crédula pensou que a banda tocava coisas de amor para ela. É mais cruel que no poema Receita de Mulher.

No entanto, se ela pensou, se ela desejou que fosse para ela, então era! Muito melhor que não perdoar Vinicius!

Acreditar na beleza, no desejo, na poesia, na canção é o que nos faz estar na vida, é o que nos faz acreditar no nosso trabalho de escuta, na canção que entoamos em nossas análises, nos tantos enredos, tantas e tantas palavras, tudo porque acreditamos que aqui, lá, acolá soa uma canção de amor.

Embora não seja um tipo de música que escute com frequência, não foi à toa que me lembrei da música “A banda” no momento da escrita deste trabalho.

Quando eu, aos cinco anos de idade, me dependurava no coreto de minha cidade para ouvir a banda em que tocava meu pai e meu irmão, eu acreditava sim que a banda tocava para mim.

Ainda bem que nunca ninguém me disse que não.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. v. 1, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

GOLDENBERG, Ricardo. **Do amor louco e outros amores**. São Paulo: Instituto Langage, 2013.

LACAN, Jacques. **A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

———. **Mais, ainda**. 2^a ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LOBO, Clara. **O cervix da questão: a mulher e a imposição da beleza**. Disponível em: <<http://revistageni.org/08/a-mulher-e-a-imposicao-da-beleza/>>. Acesso em 23 jul. 2014.

MORAES, Vinicius de. **Receita de mulher**. Disponível em: <www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/receita-de-mulher>. Acesso em 23 jul. 2014.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

ZALCBERG, Malvine. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

Sobre a autora: Psicanalista, Mestre em Letras – Teoria Literária pela UFPR e Analista Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba.